

Enedina Maria Teixeira da Silva, docente da Universidade de Cruz Alta, curso de ciências econômicas,
end.: Daltro Filho, 102 – NS Penha – Cruz Alta –RS – CEP 98025-630. enedinateixeira@brturbo.com.br

Gustavo Reis Pinto, discente da Universidade de Cruz Alta, curso de ciências econômicas ,
end.: Daltro Filho, 102 – NS Penha – Cruz Alta –RS – CEP 98025-630. gus_rp@ibest.com.br

Área Temática: Localização e distribuição regional do desenvolvimento.

A INDÚSTRIA E SEUS IMPACTOS E PERSPECTIVAS NO DESENVOLVIMENTO DO MUNICÍPIO DE CRUZ ALTA – RS

RESUMO

Este trabalho avaliou a participação do setor industrial no resultado sócio-econômico do município de Cruz Alta RS. Foram levantados dados da produção e renda no município nos últimos anos, a classificação dos estabelecimentos industriais, bem como a sua natureza jurídica, a participação do setor industrial no emprego mostrando os índices de desligamentos e admissões deste no município e as perspectivas do setor industrial conforme opiniões de pessoas ligadas ao setor. Para a pesquisa utilizou-se uma metodologia convencional com pesquisa descritiva, bibliográfica e levantamento. A coleta de dados ocorreu através de informações de natureza secundária. O ambiente analisado possui características variadas, refletindo em um acervo de informações úteis para qualquer cidadão. A principal situação observada no estudo foi o interesse de que um setor industrial bem estruturado irá melhorar a renda, a situação sócio-econômica e o desempenho dos outros setores da economia.

PALAVRAS-CHAVE: renda, emprego, empresa

1. INTRODUÇÃO

Em uma economia aberta ao qual existe uma gama de relações entre fatores que fazem parte de um sistema econômico.

A economia regional tende a acompanhar o desempenho da economia do restante do país, ou a ter comportamento diverso daquele. Exigindo portanto o conhecimento de algumas variáveis tanto regionais quanto nacionais, como, políticas econômicas e nível da atividade econômica que parecem apresentar relações bastante óbvias para exigir maiores estudos.

Sabe-se que o crescimento econômico não é unânime para todas as regiões, existem são pólos de crescimento, que irão se expandir por diferentes canais e com efeitos finais variáveis. Portanto identificar fatores que impulsionam ou estancam o crescimento regional é questão igualmente complicada. O que se precisa saber é como esses fatores afetam e a sua dinâmica na

economia, em outras palavras, precisa-se de informações sobre a realidade econômica e social dos municípios.

E, assim como a economia do país se divide em setores naturalmente a economia dos municípios também acompanha essa metodologia, são divididas em setores também sendo que alguns segmentos têm um maior destaque.

Fato que acontece com o setor industrial na região em estudo, embora sua representatividade seja inferior, sua participação é de sumo valor à economia diversificada que o município possui.

O setor industrial da cidade foi constituído, ao longo do tempo, para atender principalmente a demanda vinda da agricultura. Caracterizado por indústrias de pequeno porte não possui uma concentração industrial de grandes dimensões, porém existem muitas empresas de segmentos variados, diversificando os investimentos.

Este trabalho tem como objetivo Conhecer a situação atual, a evolução e as perspectivas do setor industrial no desenvolvimento sócio-econômico do município de Cruz Alta-RS, precisando portanto atingir as seguintes metas:

- Identificar o setor na economia local;
- Identificar a classificação das indústrias e sua constituição;
- Verificar a participação do setor no mercado de trabalho local;
- Verificar vantagens e dificuldades do setor e
- Compilar e divulgar as perspectiva de projetos industriais no município e.

Sendo assim, diante da dinâmica atual, ao que muitos chamam de “mundo globalizado”, a informação é algo muito preciso no auxílio tanto para tomada de decisões quanto para o desenvolvimento econômico. Para a indústria e o mercado de trabalho que proporcionam um incremento na economia dos municípios, dados e informações são extremamente importantes, para projetarmos ações de competitividade e desenvolvimento.

Portanto, uma descrição detalhada da indústria local com desempenho, classificação, natureza jurídica e alocação de mão-de-obra poderá servir de subsídio para os agentes econômicos, tanto para empregadores industriais no processo decisório e planejamento, quanto para os trabalhadores na perspectivas do de oportunidades que venham de encontro aos seus anseios.

Embora ciente das dificuldades e das limitações que poderia ter uma investigação dessa natureza, exatamente pela falta de dados e pelo não acompanhamento eficaz de quem é de direito sobre o desempenho do setor industrial na região, o presente estudo se faz necessário para responder sobre a atual situação, evolução da atividade industrial do município de Cruz Alta/RS.

2 A INDÚSTRIA

A indústria é um setor da economia que tem agregado ao seu conjunto as atividades produtivas caracterizadas pela transformação de matérias-primas em mercadorias manufaturadas.

A indústria pode representar um conjunto de atividades que guardam algum grau de correlação técnico-produtiva, constituindo um conjunto de empresas que operam métodos produtivos semelhantes, incluindo-se em uma mesma base tecnológica (KUPFER, 2002).

A indústria portanto é definida pelo grupo de empresas voltadas para a produção de mercadorias que são substitutas próximas entre si e, desta forma, fornecidas a um mesmo mercado.

Essa indústria de uma forma ampla abrange desde o mais simples artesanato para o autoconsumo até a fabricação de peças microeletrônicas de última geração. Dentre as características da indústria contemporânea está a produção em massa com a intensa mecanização e padronização dos processos produtivos. Outra característica é a busca intensa da tecnificação na fábrica, a qual proporciona cada vez mais ganhos de produtividade na relação com o trabalho-empregado. São consideradas indústrias tradicionais as que ainda dispõem de tecnologias de produção atrasadas e necessitam do trabalho intensivo para produzir e, são consideradas indústrias modernas as fábricas possuidoras de sofisticada tecnologia de produção, intenso capital investido, trabalhadores com alto grau de conhecimento e grande taxa de investimento por pessoa empregada.

MOORE (1968, p. 145) “Indústria refere-se à transformação de matérias-primas em componentes intermediários ou produtos acabados por meios fundamentalmente mecânicos dependentes de fontes inanimadas de energia”.

Difícilmente um país atinge efetivos níveis de desenvolvimento sem industrializar-se ou pelo menos utilizar seus produtos. Mesmo um país que seja essencialmente agrícola os melhores índices de produtividade, atualmente estão associados a utilização de fatores de produção industrial como máquinas e equipamentos, fertilizantes e sementes tratadas.

Na vida cotidiana da sociedade os produtos resultantes dos processos industriais classificam-se entre bens de consumo final, bens de capital ou bens de produção (máquinas e equipamentos), podendo ser final ou intermediário.

A industrialização faz parte do plano de desenvolvimento da maioria dos países, pobres ou ricos. A indústria é apontada como uma importante geradora de bem-estar humano. Evidentemente que há um relativo exagero nessa afirmação pois o setor industrial não pode ser visto como uma mera instituição de caridade social. Tampouco é verídico que o setor industrial não causa problemas sociais. A bem da verdade, ao contrabalançar esses dois extremos, quase sempre tem-se que os ganhos econômicos e sociais para as regiões têm sido maiores que os problemas causados. Além disso, os problemas causados pela indústria podem ser enfrentados se as regiões tiverem um planejamento adequado, por exemplo, a poluição causada pela indústria somente ocorrerá se não for

feito previamente um sistema de controle ambiental adequado que permita uma atividade industrial com externalidade amenizada. (MOORE, 1968).

2.1. A Indústria na Economia Brasileira

O processo de industrialização em cada país surgiu em épocas diferentes "a industrialização não surgiu em todas as partes ao mesmo tempo, mas em algumas regiões do planeta" conforme (Souza, 1993, p.14), porque um processo de industrialização corresponde a um intenso desenvolvimento urbano e do setor de serviços, relacionado com as atividades comercial e financeira. Tem como pressuposto a existência de um mercado interno e capitais disponíveis para serem investidos nessa atividade.

No Brasil, essas condições surgiram no final do século XIX, quando se implantaram as primeiras indústrias no país, mas o processo, só se intensificou durante a Segunda Guerra mundial, sendo retomado em 1956 e 1960 e atingido seu auge na década de 1970. Até 1945 não houve no Brasil uma política voltada para incentivar o desenvolvimento industrial, e a defesa dos interesses do café, bem como a implementação de políticas de contenção, contribuíram para inibir este desenvolvimento a longo prazo.

O modelo tradicional primário-exportador da época que caracterizava a economia brasileira no início do século se encontrava em crise desde a década dos anos trinta. O crescimento da produção industrial dependia do comportamento desse setor exportador ao qual estava atrelado também o comportamento da demanda interna de produtos manufaturados a partir da renda gerada pelas exportações. (SOUZA, 1993)

Para Kon, (1994, p.188):

Em suma, o que se verificou desde o início do século é que, anteriormente à Segunda Guerra Mundial, não houve um processo de industrialização continuava e em larga escala no país, mas sim "surtos industriais" ligados ao comportamento do comércio exterior, interrompidos por crises periódicas causadas pelas oscilações do preço do café pela Primeira Guerra Mundial, pela Grande Depressão e pelas mudanças na Política Cambial, sendo os investimentos industriais completamente dependentes de importações não apenas de bens de capital mas também de matérias primas.

Após a Segunda Guerra Mundial, os países desenvolvidos apresentaram uma forte recessão econômica e desgastes. Essa Situação fez com que o Brasil, intensificasse a produção industrial, em atendimento à demanda interna, suprida pela importação. Foi nesse período, num processo efetivo de substituições de importações, que o país desenvolveu uma diversificação industrial até o momento.

Nos anos cinquenta as exportações de café tiveram uma queda acentuada, o que aumentou o esforço para reorientação da atividade econômica voltada para a indústria.

A partir de 1956 até 1961, houve um planejamento que foi proposto por Juscelino Kubitschek, onde a articulação entre o capital nacional, estrangeiro e o Estado desempenharam papel importante no processo de industrialização.

Conforme Kon (1994) o plano identificando setores, metas e objetivos a serem impulsionados procurava eliminar "pontos de estrangulamentos" que eram barreiras ao desenvolvimento, dando ênfase aos setores de energia, transportes, alimentação, indústrias de base e educação.

Foram determinadas metas industriais para a orientação das indústrias dinâmicas, como a de construção naval, automobilística, material elétrico pesado e indústrias de base, como a petrolífera, metalúrgica, siderúrgica, química, pesada, de celulose e papel.

O desenvolvimento industrial foi fomentado através da criação do Banco Nacional de Desenvolvimento Econômico, (BNDE) em 1952, com a intenção de ser a primeira agência financiadora do desenvolvimento industrial. Num primeiro momento o BNDE, se concentrou em indústrias de base siderúrgica e em infra-estrutura (transporte e energia) e a partir de 1960 diversificou o financiamento para investimentos privados em quase todos os gêneros da indústria de transformação. De modo geral, a evolução dos anos cinquenta pode ser explicada grandemente não só pelos investimentos maciços no setor industrial de ponta, como também pela transferência, do excedente gerado nesse setor para outras atividades terciárias de apoio através de dispêndio do Estado ou do fornecimento de serviços complementares de infra-estrutura. (KON, 1994).

No início da década de 60 o processo de substituição de importações no país propiciou taxas médias de crescimento anual do produto, em torno de 6,8%. A partir de 1962 já se anunciava um período de estagnação, onde apresentou um crescimento menor em torno de 5%, em 1964, caiu para 3,4% ao ano.

O processo de substituição das importações estava se esgotando e a economia ia entrando num período de estagnação em decorrência:

- a - Do processo inflacionário crescente que acompanhou o esforço de industrialização;
- b – Ao modelo de industrialização, voltada para uso intensivo de capital e baixo índice de absorção de mão-de-obra;
- c – A grande participação do setor público na economia;
- d - A relativa estagnação do setor agrícola no país, do ponto de vista da produtividade. (KON, 1994).

Portanto foram implementados vários planos para o desenvolvimento econômico, de 1963 a 1965, visando recuperar o ritmo de crescimento econômico. Foram efetuadas reformas institucionais relevantes, e ainda, relativas ao mercado de capitais, ampliando o sistema de financiamento da economia. Foi feita uma reforma geral no sistema monetário, crédito em 1964 e

financeiro em 1965, que visavam a modernização financeira e criar novos instrumentos de mobilização, entre elas:

- 1- Financeiras para o financiamento do consumo de bens duráveis;
- 2- Bancos comerciais, para o fornecimento do capital de giro das empresas;
- 3- Os bancos de investimentos, para o fornecimento de recursos a longo prazo;
- 4- o mercado de ações, criando fundos de investimentos, com deduções do Imposto de Renda;
- 5- o Banco Racional da Habitação: BNH, com o fim de operar como agente financeiro, com recursos dos trabalhadores. (KON, 1994).

A partir de 1971, surge mais um plano de desenvolvimento, onde seriam implantados instrumentos no sentido de permitir a modernização da empresa nacional, do sistema financeiro e do mercado de capitais.

Foram observados taxas anuais do produto, de 1971 a 1973 de 13%, foi também observada uma rápida difusão do mercado para produtos industrializados, que resultou da expansão da demanda interna e também da diversificação das exportações.

No início da década de 80, os parques industriais brasileiro apresentavam uma considerável situação de maturidade, demonstrados pelo elevado grau de integração intersetorial e de complexidade, representado por bens de consumo intermediários, finais e de bens de capital. A matriz industrial abrangia desde os segmentos mais modernos ligados às indústrias metal-mecânica e química cujo peso no valor da produção industrial aumentou de 37% para 51%, entre 1959 e 1980 aos mais tradicionais. (KON, 1994).

A integração industrial refletiu-se no baixo coeficiente de importação de produtos industriais, mas o processo de substituição de importações introduzido desde 1950, no final dos anos 70 se esgota. Nesse período houve um protecionismo, criando uma situação em que eram marcantes as ineficiências estruturais, o atraso tecnológico e níveis de produtividade inferiores aos padrões mundiais em alguns segmentos, além de uma heterogeneidade técnica acentuada, visualizada em uma coexistência de tecnologias tradicionais e avançadas em um mesmo ramo industrial. A elevada proteção desestimulou investimentos em progresso tecnológico e em modernização nas formas organizacionais. (KON, 1994).

A industrialização em épocas passadas também contava com investimento estatal direto para a implantação de infra-estrutura de apoio e estímulos fiscais e financeiros para o setor privado, associado a uma política de preços e tarifas públicas subsidiadas e barreiras à importação via proteção alfandegária. Com a alta dos preços e a elevação das taxas de juro, houve um rápido processo de contenção da atividade econômica com queda da produção industrial, mas com a redução das importações, obteve-se de um superávit da balança comercial do país em 1981; No entanto, já no ano seguinte, a recessão verificada nos países importadores de produtos brasileiros

provocou a retração destes mercados e conseqüentemente a desaceleração das exportações. Em três anos consecutivos de recessão, de 1981 a 1983, o atraso tecnológico brasileiro se expandiu em relação aos países industrializados, no ano seguinte, a economia brasileira retomou um novo ciclo de crescimento a partir da ocupação dos fatores de produção que se encontravam ociosos, com crescimento na ordem de 4,5% do PIB. Esta retomada das atividades continuou em 1985 com um ritmo de maior intensidade, o que veio a permitir o pagamento integral dos juros da dívida externa e a maior taxa do crescimento histórico do país. Também teve outros pontos que colaboraram para esse crescimento que foram: queda dos preços do petróleo, diminuição das taxas de juros internacionais, que, juntamente com a melhora no nível de emprego interno, do aumento do déficit público e da remonetização acelerada da moeda, fizeram com que se intensificasse o nível de utilização da capacidade industrial e a elevação dos salários reais, graças também à intensa ação sindical. (KON, 1994).

Com a reversão da conjuntura recessiva verificou-se uma falta de política industrial vinculada a uma estratégia de desenvolvimento científico e tecnológico a médio e curto prazo, para tratar dos problemas de competitividade internacional da indústria que viessem a favorecer o mercado interno, houve algumas tentativas de planos de desenvolvimento, que não chegaram a ser implantadas. Com os Planos Collor I e II, a política industrial, também não conseguiu o suporte necessário para decolar, pois recorreu a subsídios do governo e liberalização das importações para estimular a capacidade real de modernização industrial brasileira e atender aos objetivos de elevação da competitividade e da produtividade.

No final da década de 80 e início da década de 90, foi formulado um novo modelo de desenvolvimento para o país com desligamento de políticas setoriais e centrado na busca de competitividade e produtividade.

Conforme Kon (1994), esse modelo visa os seguintes pontos: - Modernização da estrutura produtiva existente; Ampliação da capacidade produtiva através de expansões e novas instalações em setores de bens de consumo e de insumos básicos; Investimentos nos setores de infra-estrutura.

Também o início dos anos 90 foi caracterizado pela persistência de elevadas taxas de inflação, desequilíbrio fiscal-financeiro no setor público e redução da poupança interna e externa, portanto o panorama brasileiro apresentava um quadro de baixa capacidade de consumo interno, e de gastos governamentais, atraso tecnológico no setor produtivo e aprofundamento da tendência recessiva, com conseqüente aumento da capacidade ociosa e de falta de perspectivas para a retomada dos investimentos a médio e longo prazo. O Brasil precisava da definição de uma política industrial efetiva que o integrasse no contexto mundial, recuperando o atraso tecnológico em relação às nações mais avançadas.

2.2. Caracterização da Localidade de Estudo: Município de Cruz Alta - RS

Cruz Alta está situada na região noroeste do Estado do Rio Grande do Sul a 360 km de Porto Alegre, capital do estado, possui aproximadamente 68 mil habitantes distribuídos em uma área de 1360,37 km².

Caracterizada como cidade-pólo da Região do Alto Jacuí concentra parcela significativa do PIB regional e uma economia bastante diversificada.

O município de Cruz Alto no século XIX foi marcado por dois acontecimentos iriam que transformaram definitivamente o município, Em primeiro lugar veio a chegada dos imigrantes italianos, seguidos pelos alemães, que iriam emprestar novas feições aos moradores e à cultura local. O outro foi a inauguração da ferrovia entre Cruz Alta e Santa Maria, a partir daí vários trechos foram abertos, interligando a cidade a outras regiões.

Em 1940, o município já era um dos maiores centros ferroviários do Brasil. Paralelo ao desenvolvimento dos transportes o município modernizou-se e cresceu. Atualmente, a agricultura mantém-se como um dos pilares de sustentação econômica do município. Em seu entorno, desenvolveu-se um dinâmico complexo de empresas que atuam do fornecimento de insumos e implementos agropecuários até o beneficiamento e transporte da produção. Os serviços são outro ponto forte do município. Na educação, uma completa rede de ensino atende estudantes desde a pré-escola até a pós-graduação, qualificando a mão-de-obra para disputar as vagas no mercado de trabalho local e fora dele. Na saúde, diversos hospitais e clínicas garantem o atendimento à população e atraem pacientes de toda a região.

A produção industrial de Cruz Alta possui um vínculo bastante estreito com o setor primário com forte presença das empresas que recebem e beneficiam matérias-primas dispondo de empresas metais-mecânica, de bebidas entre outras.

Figuram como empresas de pequeno porte a metalurgia, a alimentícia, têxtil e vestuário e moveleira, mas não menos importantes para a economia do município.

3. METODOLOGIA

A obra enfatizou uma pesquisa de natureza descritiva que segundo Gil (1991, p. 39) “as pesquisas deste tipo têm como objetivo primordial à descrição das características de determinada população ou fenômeno ou, ainda o estabelecimento de relação entre variáveis”. Concentrou-se também em uma pesquisa bibliográfica que para Marconi e Lakatos (2003, p. 183) “a pesquisa bibliográfica abrange toda bibliografia já tornada pública em relação ao tema de estudo”, pois, foi intensamente recorrido a materiais já elaborados, exigindo articulações para montagem do trabalho permitindo assim explorar novas conclusões a respeito do assunto tão importante para a economia do município quanto para a economia da região. E por fim foi realizada uma pesquisa do tipo *survey* recolhendo informações pela interrogação direta de pessoas a cerca do problema estudado.

A coleta de dados é uma das partes fundamentais da pesquisa porque com eles dá-se a ordem em que pretende seguir o caminho para ser atingido o resultado final. Algumas informações e dados propriamente ditos são de natureza secundária, isto é, são informações já existentes em organizações a serem contatadas FEE, RAIS CAGED, IBGE . Outros, porém foram captadas e analisadas de extensas fontes bibliográficas. Por fim foram realizadas entrevistas com autoridades do município a fim de obter maiores esclarecimentos sobre o assunto.

4. ANÁLISE DE DADOS

4.1 Caracterização da Produção e Renda em Cruz Alta

A renda representa o fluxo dos recursos em bens e serviços, gerados em um determinado período de tempo. Representando a remuneração dos fatores de produção, caracterizando-se como salários, lucros, aluguéis e juros. A renda é distribuída das empresas para as famílias através dos mercados de fatores de produção.

Tabela 1. População, Produto Interno Bruto, e PIB per capita

Ano	População
1999	68015
2000	67526
2001	67006
2002	66638
2003	66251

Fonte: FEE:2005

A tabela 1 descreve a variação da população, do PIB e do PIB per capita de Cruz Alta no período de 1999 a 2003. A evolução do PIB demonstra que de fato houve um crescimento da economia cruzaltense em termos de dados brutos, de 2002 para 2003 ocorreu um aumento significativo dos valores.

Esta evolução não significa necessariamente que toda população obteve ganhos na renda. Pode ter ocorrido uma maior concentração, onde apenas alguns segmentos ganharam mais. Nesse período ocorreram crescimentos na produtividade, aumentando volumes de produção, mas as margens ficaram menores, portanto, não repercutindo necessariamente em melhorias na renda da população.

Tabela 2. Valor Adicionado Bruto por setor

Ano	VABtotal	%	VAB ind	%	VABagr	%	VAB serv	%
2000	395.147	100	84.675	21,42	76.864	19,45	233.608	59,13
2001	406.980	100	74.941	18,41	82.468	20,26	249.570	61,33
2002	481.952	100	96.115	20	92.787	19,2	293.049	60,8
2003	688.510	100	122.641	17,8	176.767	25,67	389.102	56,53

Fonte: FEE/RS 2005

A Tabela 2 explicita em números o Valor Adicionado Bruto por setor no município. O setor de comércio/serviços se consolida cada vez mais a sua posição de destaque na economia da cidade, apresentando um constante crescimento em termos financeiros. O setor agropecuário, embora com

sua participação relativamente menor apresenta oscilações em seus valores, principalmente no último ano analisado, a sua participação aumenta significativamente.

Enquanto isso o segmento industrial, que é o objeto principal dessa análise demonstra um crescimento na sua participação, sendo que em 2000 e 2002 superam os valores que representa o setor agropecuário. A maior queda foi no ano de 2003, caindo relativamente sua proporção, consequência do começo da desativação da maior empresa do ramo no município. O gráfico a seguir ilustra a tabela anterior.

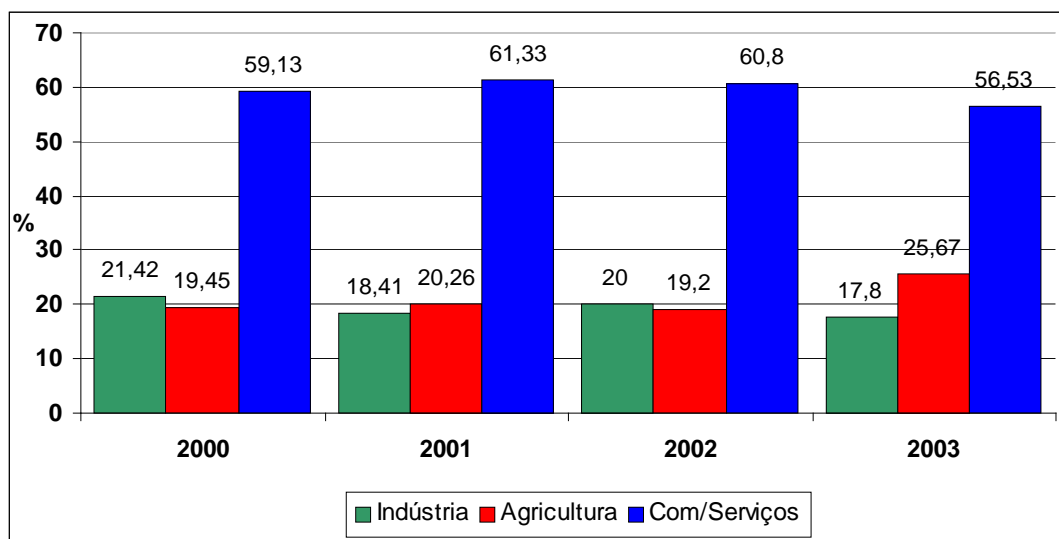


Figura - 01 Valor Adicionado Bruto por setor
Fonte: FEE/RS 2005

4.2 Caracterização da Indústria em Cruz Alta

No município de Cruz Alta se destacam as empresas metal-mecânica e de bebidas cuja atuação em âmbito regional proporciona perspectivas de exportação.

Entre as empresas de pequeno porte, figuram principalmente a metalurgia, produção alimentícia, laticínios, couro e vestuário. Cruz Alta conta com o berçário Industrial, um pavilhão com infra-estrutura de apoio às micro-indústrias em que os custos de manutenção ficam por conta do município, cabendo ao empreendedor possuir firma constituída. Os empresários se organizam na Associação das Micro e Pequenas empresas que também recebe apoio da administração Municipal na forma de espaço e infra-estrutura para funcionamento.

4.2.1 Estabelecimentos Industriais

Tabela 3. Evolução dos estabelecimentos industriais

Discriminação tipo de atividade/ano	2000	2001	2002
Indústria de produtos minerais não metálicos	5	5	4
Indústria metalúrgica	8	10	9
Indústria do material de transporte	1	2	2
Indústria da madeira e do mobiliário	11	11	10
Indústria do papel, papelão, editorial e gráfica	9	11	10
Indústria da borracha, fumo, couros, peles, similares	1	1	1

Ind. química, farmacêutica, veterinárias, perfumarias	7	8	7
Indústria têxtil do vestuário e artefatos de tecido	10	9	5
Indústria de calçados	2	1	1
Indústria de produtos alimentícios, bebidas e álcool et	13	15	15
TOTAL	67	73	64

Fonte: RAIS/00/01/02

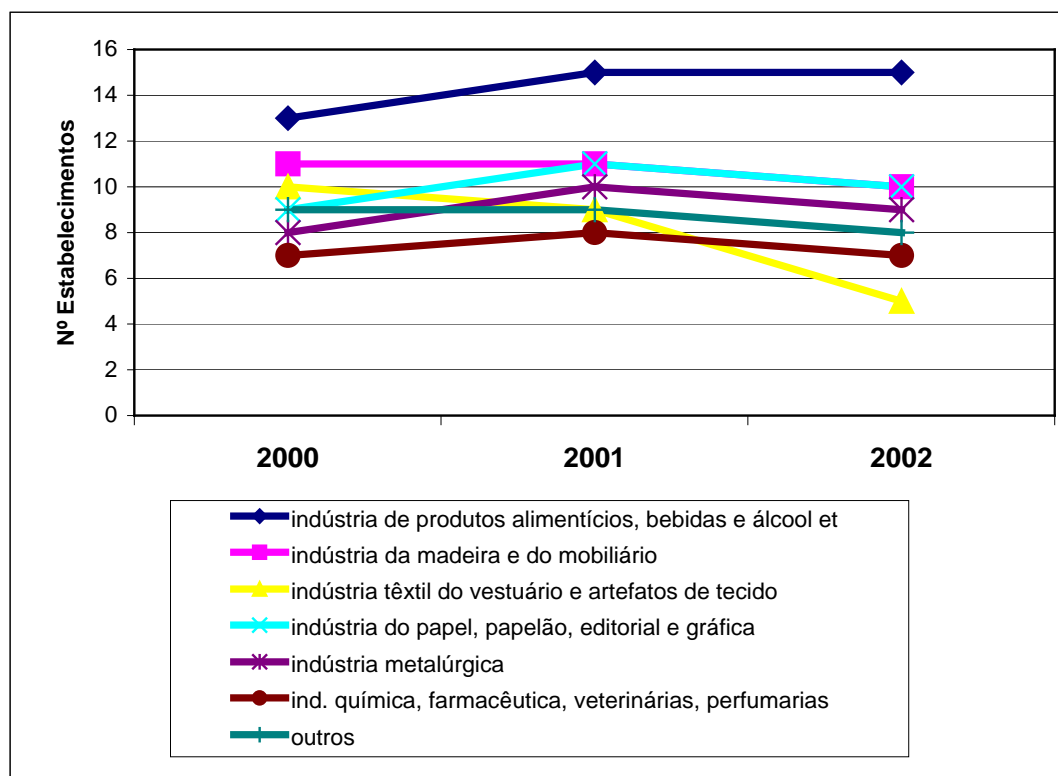


Figura 02 – Evolução dos Estabelecimentos industriais em Cruz Alta de 2000 a 2002.

Fonte: RAIS/00/01/02

A tabela 03 e a figura 02 apresentam a evolução do número de estabelecimentos industriais no município de Cruz Alta dos principais segmentos nos anos de 2000, 2001 2002. Os setores alimentação e bebidas lideram com maior representação em número de estabelecimentos ocorrendo a elevação de 2000 para 2001 e mantendo-se constante em 2002, após vem o setor de madeira e mobiliário que apresentou uma pequena queda de 2001 para 2002. A indústria do papel, papelão, editorial e gráfica apresenta um aumento no número de estabelecimentos, embora fraco, com valores semelhantes aos do setor anteriormente citado. A indústria metalúrgica também revela uma pequena elevação. A indústria química, farmacêutica e veterinárias, no ano de 2002 consegue uma variação um pouco melhor do que as demais categorias abaixo que são classificadas como outros e isso comprova a queda da categoria outros. E por último, dá-se bastante ênfase ao setor têxtil do vestuário e artefatos de tecido que vem apresentando acentuada queda no período, visto que os valores nos dois últimos anos apresentam diferenças elevadas.

4.2.2 Classificação dos Estabelecimentos Industriais

O conceito adotado combina o número de pessoas ocupadas, conforme critério do SEBRAE, Com esse propósito, o levantamento considera como microempresas as empresas industriais com até 19 pessoas ocupadas como pequena empresa, as empresas industriais com 20 até 99 pessoas ocupadas e como média empresa, as empresas industriais com 100 até 249 empregados.

Tabela 4. Classificação dos estabelecimentos industriais em Cruz Alta.

	2000	2001	2002
Micro até 19 empregados	64	69	60
Pequena de 20 a 99 empregados	3	2	2
Média empresa de 100 até 249 empregados	0	2	2
Total	67	73	64

Fonte: RAIS/SEBRAE:2003

A tabela ao lado demonstra a classificação segundo o SEBRAE do tamanho do estabelecimento conforme o número de empregados.

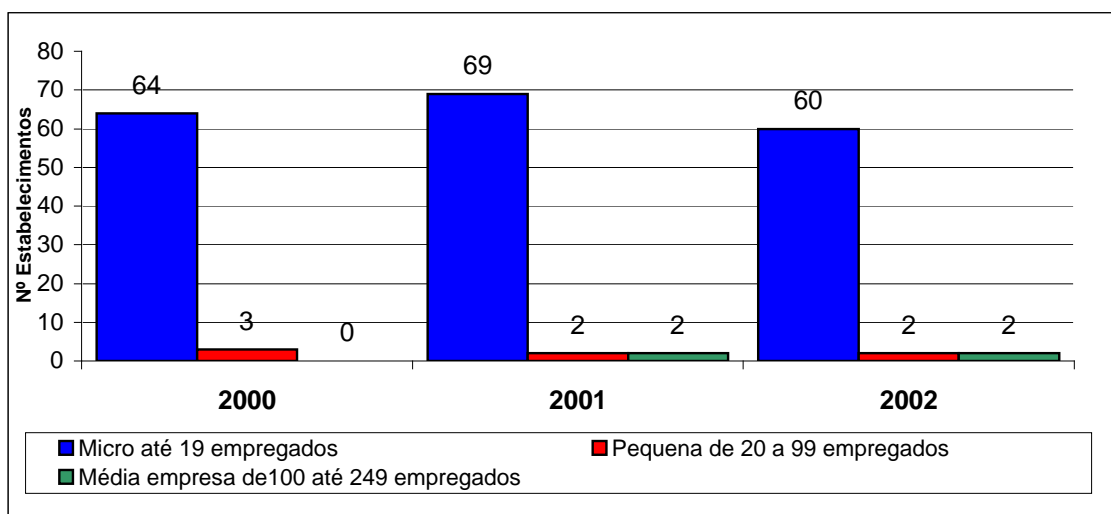


Figura 03 – Classificação dos estabelecimentos industriais em Cruz Alta

Fonte: Fonte: RAIS/SEBRAE:2003

A relação das empresas industriais no município foi fornecida pela RAIS e classificadas de acordo com os parâmetros de classificação do SEBRAE. De acordo com estes dados da tabela 04 e representados na figura 03 é clara a predominância de micro empresas no município nos três anos pesquisados, não havendo uma concentração industrial muito grande.

O número de micro empresas apesar de predominar, não mantém uma constante ao longo dos anos, refletindo variações nos três anos analisados.

O número de pequenas empresas diminuiu de 2000 para 2001, permanecendo constante em 2002.

De acordo com a relação fornecida pelo SEBRAE, não encontramos empresa de maior porte no município.

4.2.3 Natureza Jurídica dos Estabelecimentos

A Natureza Jurídica é a forma jurídica de constituição da empresa, e o que mais diferencia a constituição empresarial é a forma de responsabilidade de seus sócios, também a constituição se distingue pela formação do nome.

De um modo geral a maior predominância ocorre na formação de Sociedade por quotas de responsabilidade limitada e Firma Mercantil individual. Entendemos por Sociedade por quotas de responsabilidade limitada, a empresa constituída por duas ou mais pessoas, com o fim de explorar uma atividade industrial e/ou comercial. A responsabilidade de cada sócio é limitada à importância do capital social, que é dividido em quotas e distribuído entre os sócios.

Já a Firma Mercantil individual é constituída por uma única pessoa, que passa a ser responsável, com seus bens pessoais, pelas obrigações contraídas em nome da empresa, de forma ilimitada.

Na tabela 05 a seguir serão apresentados dados em números de formação dos estabelecimentos industriais nos anos de 2000 a 2002 no respectivo município por tipo de sociedade.

Tabela 5. Natureza jurídica dos estabelecimentos industriais.

Tipo de empresa-formação	2000	2001	2002
Sociedade Anônima de capital aberto c/controlado acionário privado	2	1	1
Sociedade Anônima de capital fechado	4	5	4
Sociedade por quotas de responsabilidade limitada	37	41	39
Firma mercantil individual	23	25	19
Autônomo ou equiparado com empregados	1	1	1
TOTAL	67	73	64

Fonte: RAIS:2003

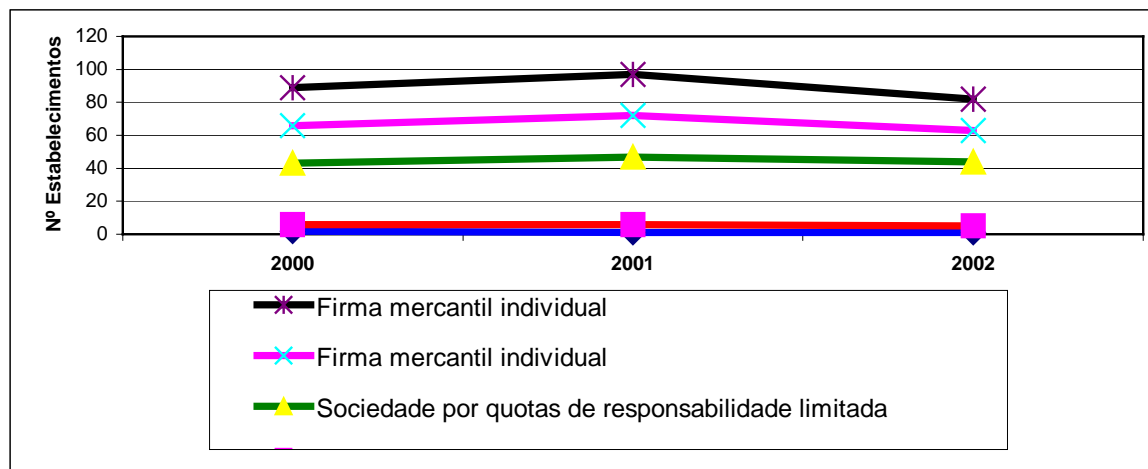


Figura 04 – Natureza jurídica dos estabelecimentos industriais de Cruz Alta de 2000 a 2002

Fonte: RAIS:2003

Nos três anos em questão percebe-se conforme a figura 04 a predominância do tipo de formação de Sociedade por quotas de responsabilidade limitada, que obteve nos três anos participação bastante significativa no total, mas no último ano embora a participação no total tenha aumentado, o número de empresas nesta categoria diminuiu. A firma mercantil individual segue a mesma característica da anterior, também segue essa tendência a Sociedade anônima de capital

fechado não de uma forma menos acentuada. Já as duas últimas categorias permaneceram quase que inalteradas.

Encontramos um maior número de empresas de sociedade por quotas de responsabilidade limitada, devido as suas características de comprometimento dos sócios, e a firma mercantil individual pela maior facilidade de legalização já que envolve somente um proprietário

4.2 Emprego na Indústria em Cruz Alta

Nas tabelas 06 e 07 é mostrada a evolução na geração de empregos nas indústrias de Cruz Alta por cinco anos consecutivos

Tabela 6. Admissões do segmento industrial.

	2000	2001	2002	2003	2004
Primeiro emprego	104	68	94	37	44
Reemprego	181	274	142	211	122
Transf.de Entrada	2	1	0	0	0
Total	287	343	236	248	166

Fonte: CAGED

Observa-se no último ano uma queda no total de admissões no setor industrial de Cruz Alta, representando 50% do maior índice que encontramos em 2001.

Tabela 7. Desligamentos do segmento industrial

	2000	2001	2002	2003	2004
Dispensados	307	223	282	212	134
Espontâneos	20	23	22	24	20
Aposentados	1	1	2	1	0
Mortos	1	2	0	0	2
Transf. de Saída	6	11	0	0	0
Total	335	260	306	237	156

Fonte: CAGED

O ano de 2000 lidera em números de desligamentos do setor, caindo este número em 2001, mas voltando a crescer em 2002 com valores bem próximos do ano anterior, e a partir de 2002, ou seja, os anos de 2003 e 2004 apresentam redução do número de desligamentos, ressaltando que em 2004 o setor verificou um reduzido número de demissões. O fato importante é que 2004 sendo o ano de desativação da maior planta industrial do município, encontra-se pelos dados da tabela 07 e figura 05 o menor número de desligamentos no setor. Em comparação a outros índices este ano seria o pior para a indústria local.

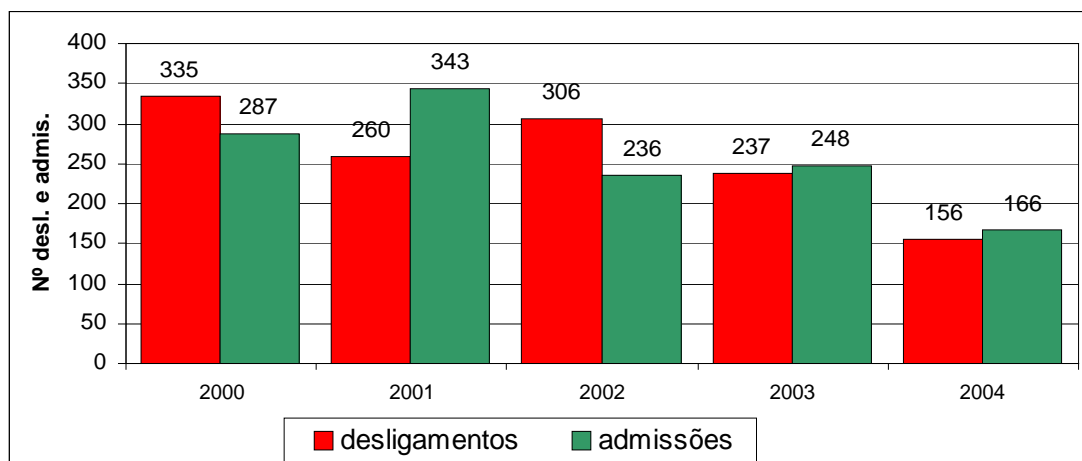


Figura 05. Número de admissões e desligamentos do setor industrial.

Fonte: CAGED 2005

Seguindo a análise, verificamos conforme a figura 05 que nos últimos 02 anos obteve-se uma pequena diferença positiva em admissões no setor e no geral conclui-se que há grande rotatividade pois é muito próximo o número de desligamentos e de admissões.

4.3 Nível de atividade industrial pelo consumo de energia elétrica:

Tabela 8. Consumo de energia industrial

Ano	mil KW
2002	12481,36
2003	14140,19
2004	8728,55

Fonte: Rio Grande Energia S/A.

Conforme o caderno de Estatísticas sócio-econômicas de Cruz Alta, o setor industrial teve uma queda do consumo de energia de 60% referente a desativação da maior planta industrial do município, o que se deu em função do mercado para a soja em grão estar muito mais atrativo do que o produto beneficiado.

4.4 Perspectivas para o setor industrial de Cruz Alta

Observa-se em Cruz Alta que o setor industrial nos últimos anos vem diminuindo a sua participação na renda local, o que faz as autoridades locais voltarem a sua atenção a este setor que demonstra um campo fértil para o crescimento. Sendo assim procurou-se informações junto a pessoas ligadas ao setor para se conhecer as perspectivas locais para a indústria de Cruz Alta. Foram entrevistados os Secretários do Desenvolvimento Econômicos do município, Sr. Antonio Oliveira, o Presidente da Associação Comercial e Industrial – ACI, Sr. Márcio Bitelbron e a industriaria, proprietária da marca de refrigerantes Tupi, Sra. Rosângela Lese.

Os três entrevistados foram unânimes ao fazer um breve comentário sobre o histórico da economia e da indústria no município, sendo uma economia com predominância de monoculturas com participação agropecuária muito forte, principalmente no binômio soja e trigo.

Em relação à indústria foi informado que as pequenas e micro indústrias respondem por 95% das empresas assim caracterizadas, sendo muito diversificadas não apresentam uma concentração expressiva em determinado segmento. As mais notáveis são a indústria alimentícia e de bebidas, moveleira, metal-mecânica, têxtil e confecções.

Para o Sr. Antônio de Oliveira, secretário de desenvolvimento econômico do município esta característica de pouca industrialização se deve a lideranças políticas passadas e administrações anteriores que não possuíam planos de desenvolvimento do setor na região nem políticas de incentivo e atratividades para empresas de fora.

Neste ponto o Sr. Márcio Bitelbron, presidente da ACI de Cruz Alta, acredita que já está mudando esta percepção de diversas entidades quando o assunto é mudança da matriz produtiva passando a ter uma visão não só local como também regional. Ressalta que a prioridade agora é valorizar as potencialidades do município e da região para seguir um processo de industrialização.

Segundo Sr. Márcio a cidade de Cruz Alta e as demais cidades vizinhas são vistas com bons olhos por empresários nacionais e até mesmo internacionais, porque possui uma produção de grãos de alta eficiência e excelente tecnologia nesta produção superando muitas áreas de primeiro mundo, o segundo fator altamente diferencial é a potencialidade geográfica, sua boa localização no território do Estado do Rio Grande do Sul, contando com um rodo-ferroviário com facilidade de acesso aos portos e as fronteiras de países que fazem parte do Mercosul, ou seja, a facilidade é de logística.

Para a Sra. Rosângela Lese, industriária do município, as indústrias da cidade precisam ser um pouco mais valorizadas pelas entidades públicas no que diz respeito à infra-estrutura, divulgação e principalmente na área tributária e fiscal onde segundo ela é um dos principais entraves econômicos para o desenvolvimento e expansão das atividades, já que pelos consumidores está muito satisfeita, pois sabem que o produto aqui produzido é de qualidade, então é consumido com muito orgulho e admiração. Outra consideração da Sra. Rosangela é quanto à falta de matéria prima local, pois 90% desta vem de fora do município e até mesmo de fora do Estado, acarretando custos maiores para a produção e refletindo nos preços para os consumidores finais. A matéria-prima a qual ela se refere são produtos necessários para a fabricação de seus artigos, visto que o fornecimento local traria melhores resultados para a economia do município, gerando mais empregos e renda.

Quanto a este fato, o Sr. Antônio de Oliveira adiantou que para 2006 mudanças irão ocorrer, através da oferta de benefícios atrativos para que empresas de fora passem a investir no

município. Segundo o Sr. Antônio, “ uma comissão de pessoas competentes já estão entrando em ação no sentido de contatarem representantes de indústrias que tenham interesse de instalação de suas plantas industriais nessa área e ademais foi aprovada uma lei municipal de incentivo fiscal a fábricas que venham a ter interesse de investimento, reformulando então o compromisso com a mão-de-obra e a geração de renda. Também existe um projeto ao qual estão trabalhando para que o ICMS gerado pelas empresas do município proporcione maior circulação dos ativos existentes”.

Boas notícias no ramo industrial para 2006 no município, confirmam o Sr. Antonio de Oliveira e o Sr. Márcio Bitelbron, pois novas empresas já confirmaram suas instalações e iniciam suas atividades neste ano, a primeira delas é a CCGL- Cooperativa Central Gaúcha Leiteira que atuará na pasteurização do leite, no envasilhamento e na fabricação de leite em pó, e promete atender a totalidade do Rio Grande Sul, portanto o poder público está firmando convênios com prefeituras da região para que os seus produtores passem a depositar sua produção, na empresa a preços bem atrativos, beneficiando a empresa, a região e estimulando os produtores a aperfeiçoar as técnicas de produção garantindo a competitividade.

A segunda empresa vem com mais força e um volume expressivo ainda maior, é a COCEAGRO - Cooperativa Central de Agronegócio do Noroeste do Estado, atuando no esmagamento de grãos, produzindo óleo e farelo e Biodiesel, prometendo ser referência em todo território nacional.

Ainda haverá a reformulação da área física de uma indústria de sucos já existente no município ao qual está expandida sua atividade e aumentando sua infra-estrutura para uma produção em volumes maiores.

Para que tudo isso venha a ocorrer de forma sinérgica ambos representantes das entidades, Prefeitura Municipal e Associação Comercial e Industrial de Cruz Alta, já estão se mobilizando juntamente com outros órgãos como o SENAI, e o SEBRAE para uma parceria em que possam oferecer cursos de qualificação específicos para o setor industrial e assim qualificar a mão de obra necessária para atuar nestes segmentos.

Encerrando o pensamento destes senhores, os três têm a mesma conclusão, embora o novo paradigma econômico assegure que exista o chamado desemprego tecnológico, ou seja tecnologias poupadoras de mão-de-obra, investir na indústria ainda pode ser interpretado como uma forma eficiente de gerar emprego direto e indireto, tendo em vista que a mesma demanda muitos serviços e produtos dos demais setores econômicos, e evidentemente contribuindo para o crescimento e desenvolvimento sócio-econômico da população municipal.

5. CONSIDERAÇÕES FINAIS

O desenvolvimento do presente trabalho proporcionou não apenas uma visão importante do que a economia como ciência representa em uma sociedade, mas também uma visão crítica de vários aspectos que contribuem para o funcionamento de um sistema econômico.

Em relação aos objetivos da pesquisa, alguns obtiveram seus resultados através da utilização do referencial teórico utilizado, outros, porém foram necessários recorrer a fontes secundárias e organizá-las de forma que se pudesse extrair o necessário. Durante a pesquisa foram coletados dados e informações no intuito de demonstrar a situação do setor industrial no município de Cruz Alta – RS. Vários fatores foram considerados na descrição, aproveitando o que cada um proporcionou na agregação de conhecimento.

Constatou-se, portanto que o setor industrial da cidade é bastante diversificado, atuando em vários segmentos, porém não possui grande expressividade na economia do município, correspondendo no período estudado a quase 20% do Valor Adicionado Bruto Total. Mas esse valor chama a atenção por ser bem próximo ao valor do VAB descrito como agricultura, atividade considerada como um dos pilares da economia municipal.

Em relação ao emprego na indústria, este setor não é um grande acolhedor de mão-de-obra, pois na classificação adotada são considerados estabelecimentos micro e pequenos, os quais não exigem grandes números de funcionários, embora segundo dados apresentados no decorrer do trabalho o número de admissões passou a ser maior nos últimos anos, superando o número de desligamentos.

Um diferencial que a cidade apresenta e estaria à frente no fomento ao desenvolvimento seria as diversas opções em infra-estrutura e capital intelectual que possui: Unicruz, Senai, Sebrae entre outros, contribuindo para a formação e qualificação de profissionais aptos a atuar em qualquer atividade econômica.

Por sua vez o segmento industrial cruzaltense apresenta boas perspectivas baseada no fortalecimento de empresas que utilizem recursos como matérias-primas de fornecimento local e regional, assim potencializando as características próprias da região como a agricultura desenvolvida com tecnologia e privilegiada localização, valorizando os produtos aqui fabricados, tornando-se assim, exportador de bens genuinamente regional com poder de competitividade. Sendo que a competitividade é cada vez mais necessária para que as empresas consigam se manter no mercado. Quem não tem um produto diferenciado com vantagens competitivas acaba tendo que disputar espaço num mercado de livre concorrência em desvantagem e portanto plenamente sujeito a obter prejuízos.

Investir no setor industrial como mero gerador de emprego direto já pode ser visto como uma contradição, sabendo-se que os demais setores exigem bem menos capital para cada emprego

gerado. No entanto se a indústria estiver ativa fará com que os demais setores da economia também evoluam e com isso a renda cresce. Visto que o setor industrial é um agregador de valor aos produtos, também um grande demandante de mercadorias, serviços e produtos dos outros setores. Em suma, direta ou indiretamente a indústria interfere positivamente nos demais setores da economia. Logo, investir na indústria pode ser interpretado como uma forma eficiente de gerar emprego direto e indireto tendo em vista que a mesma demanda muitos serviços e produtos dos demais setores econômicos.

6. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- AMADEO, Edward. **Modernização Industrial e as relações de produtividade**. Rio de Janeiro: Campus, 1992
- BRYCE, Murray D. **Desenvolvimento industrial: um manual para acelerar o progresso econômico**. Tradução de Edith Negraes. São Paulo: Pioneira, 1994.
- CHAHAD, José Paulo Zeetano. Mercado de trabalho. In: **Manual de Economia**. 3. ed. São Paulo: Saraiva, 1998.
- CADASTRO GERAL DOS EMPREGADOS E DESEMPREGADOS-CAGED/MTE. **Indústria**. Rio de Janeiro. 2004.
- CASTILHOS, Clarisse Chiappini. Contradições e limites da política industrial do Governo Lula. In: **Economia Gaúcha e reestruturação nos anos 90**. Porto Alegre: FEE/Rs, 2002.
- CUNHA, Carlos F. Nível de atividade. Caderno de estatísticas sócio-econômicas: município de Cruz Alta. Faculdade de Ciências Políticas e Econômicas. Departamento de estudos econômicos e Administrativos. Curso de Ciências Econômicas. v.2.n.2 UNICRUZ. 2004.
- EHRENBERG, Ronald G.; SMITH, Robert S. **A moderna economia do trabalho: teoria e política pública**. Tradução de Sidney Stancatti. 5. ed. São Paulo: Makron Books, 2000.
- GIL, Antonio Carlos. **Técnicas de pesquisa em economia e elaboração de monografias**. 4. ed. São Paulo: Atlas, 2002.
- Gil, Antônio Carlos. **Técnicas de pesquisa em economia**. São Paulo: Atlas, 1991.
- HALL, Rubert E; LIEBERMAN. **Macroeconomia: princípios e aplicações**. São Paulo: Pioneira, 2003.
- INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA IBGE. Anuário Estatístico. Capturado em 30 outub, 2005. Online. Disponível na Internet <http://www.ibge.gov.br>.
- KON, Anita. **Economia Industrial**. 3. ed. São Paulo: Atlas, 1994.
- KUPFER, David; HASENCLEVER, Lia. **Economia industrial: fundamentos teóricos e práticas no Brasil**. 2. ed. Rio de Janeiro: Campus, 2002.

- KUPFER, David. et al. **Made in Brasil: desafios competitivos para a indústria.** Rio de Janeiro: Campus, 1995.
- LACERDA, M. et al. **Desenvolvimento capitalista no Brasil: a questão industrial.** São Paulo: Abril Cultural, 2000.
- MARCONI, Maria de Andrade; LAKATOS, Eva Maria. **Fundamentos de metodologia científica.** 5. ed. São Paulo: Atlas, 2003.
- MÉIER, Gerald M.; BALDWIN, Robert E. **Desenvolvimento econômico.** São Paulo: Mestre Jou, 1957.
- MINISTÉRIO DO DESENVOLVIMENTO, INDÚSTRIA E COMÉRCIO EXTERIOR – MIDIC, SECRETARIA de TECNOLOGIA INDUSTRIAL. **O futuro da indústria: oportunidades e desafios a reflexão da universidade.** Brasília, 2001.
- MOORE, Wilbert E. **O impacto da indústria: modernização de sociedades tradicionais.** Tradução: Edmond Jorge. Rio de Janeiro: Zahar Editores, 1968.
- PASSOS, Maria Cristina; LIMA, Rubens de. Tendências estruturais da indústria gaúcha nos anos 90: sintonias e assimetrias. In: **Economia gaúcha e reestruturação nos anos 90.** Porto Alegre: FEE/RS, 2002.
- PIRES, Julio Manuel. Economia regional e urbana. In: **Manual de Economia.** 3. ed. São Paulo: Saraiva, 1998.
- RELAÇÃO ANUAL INDICADORES SOCIAIS-RAIS. **Séries Históricas** Rio de Janeiro, 2004. CD-ROM
- RESUMO ESTATÍSTICO – RS. Capturado em 26 de outub. 2005. Online. Disponível na Internet <http://www.fee.rs.gov.br>
- SCATOLIN, Fábio Dória. **Indicadores de desenvolvimento: um sistema para o Estado do Paraná.** Porto Alegre, 1989. Dissertação (Mestrado em Economia) – Universidade Federal do Rio Grande do Sul, UFRGS, 1989.
- SOUZA, Nali de Jesus de. **Desenvolvimento Econômico.** 2. ed. São Paulo: Atlas, 1993.
- STERNBERG, Scheila S. Mercado de Trabalho no RGS nos anos 90. In: **Economia Gaúcha e reestruturação nos anos 90.** Porto Alegre: FEE/Rs, 2002.
- UNIVERSIDADE DE CRUZ ALTA. **Estrutura e normatização de trabalhos científicos.** 2.ed. Cruz Alta: UNICRUZ, 2002.
- VASCONCELOS, Marco Antônio Sandoval de; GREMAUD, Amaury Patrich; RUDINEI JUNIOR, Toneto. **Economia brasileira e contemporânea.** 3. ed. São Paulo: Atlas 1999.
- ZAMBERLAM, J. et al. **As perspectivas do desenvolvimento.** Cruz Alta: Gráfica Universitária Cruz Alta LTDA, 1989.

This document was created with Win2PDF available at <http://www.daneprairie.com>.
The unregistered version of Win2PDF is for evaluation or non-commercial use only.